

Aventura inusitada

Numa bela tarde de um sábado um tanto preguiçoso pelo mormaço da época primaveril, estava eu descansando na minha rede de franja, estilo “Dorival Caimmi” sob a sombra de um frondoso Ficus, quando o telefone tocou: trimmmm, trimmmmm, trimmmm, até que me despertei. Saltei da minha rede, tropeçando nos cocos que havia ingerido, e fui atender ao telefone:

-- Alô, alô, sou eu, Zé Coelho;

-- Seu Coelho, aqui é a Marta, boa tarde, o senhor poderia fazer um grande favor para mim?, ou melhor, para nós?;

-- Claro, só pedir, o que vocês desejam?

-- Como hoje vai haver uma baile de Halloween na cidade vizinha, Mirandópolis, e estamos em oito amigos e amigas desesperados para irmos, e como sabemos que o senhor conhece muitos “perueiros”, a gente gostaria de participar. Quebra essa prá nós, vá!;

-- Tudo bem. Vou verificar o que posso fazer e logo-logo darei resposta prá vocês. Passe-me o número do seu telefone para que eu retorne, Ok?

Fiz meus contatos e, de última hora, consegui uma Kombi. Não muito nova, mas, se ela “pifar”, com certeza os oito meninos farão a sua parte. Retornei ao contato e marquei um ponto em que a Kombi deveria pegar os garotos.

Pela euforia em que os meninos estavam, até com o motor desligado, eles empurrariam até chegar ao destino.

Pensei, pensei e falei com meus botões: “Vou também”, não nessa Kombi, mas com meu “possante” Jipe Willys/65 4 x 4 com limpador de para brisa manual (aquele que tem um manivelinha no alto do vidro, e quando começa a chover,



com uma mão você “volanteia” (a direção) e com a outra você faz o vai-e-vem (do limpador).

Já era quase meia noite quando chegamos ao respectivo baile na periferia da cidade, e que, de longe, se escutava o Tum-tum-tum dos tambores; O Clube já estava decorado para o evento. Era: cabeça de melancia, moranga, máscaras, tridentes, varinhas de condão, capuz com chifres e rabo em vermelhos, sapatos estilo Aladim etc., como a ocasião pedia.

Dançamos, pulamos, gritamos e bebemos muito, até o finalzinho do baile. Quando o sol já estava raiando, que o baile já não era mais baile e sim uma verdadeira farrá de deixar todo mundo louco, resolvemos ir embora. Reunimo-nos todos e fomos ao encontro da Kombi e do motorista. ...Cadê a Kombi?, cadê o motorista? ... Sumiram. Procura aqui, procura ali e nada. Será que roubaram a “Sucata ou ela se desintegrou?!” e raptaram o Chofer?!

Não sei o que fizeram para sair dali?! A Kombi não pegava nem com “reza braba”. Só com guincho, e, para ser vendida em ferro-velho!

Eu, com o meu Jipe Willys/65 me fiz de arrogado. Como o Jipe tinha rabicho/reboque, consegui uma carretinha emprestada e lotei-a com alguns meninos e outras no meu Jipe, e, com mais algumas que queriam carona. O retorno para nossa cidade foi tranquilo, porém, numa determinada hora começou a chover; a estrada era de terra batida. Com um encerado que sempre levava no Jipe, improvisei uma cobertura para os meninos. O Jipe serpenteava na estrada lamacenta, hora prá lá, hora pra cá, e no aclave, bem no topo da estrada tive que engatar a marcha reduzida e a tração, colocando mais cavalo na potência do motor, e nessa engatada, minha mão escorregou, acidentalmente, para uma das pernas da Marta que se sentiu toda-toda e retribuiu com um piscar de olhos. De longe avistamos a “mardita” Kombi; sem ninguém (o motorista sumiu), toda encharcada, com os poucos vidros que ainda restavam abertos. Passamos pela “dita cuja” e seguimos em frente rumo ao Distrito Policial registrar um boletim de ocorrência e daí para nossas casas, para um merecido descanso, na rede, claro!.

Assim, termina essa estória de uma aventura imprevisível.

José Rosa Coelho - Monte Mor - SP